
POR QUE O HOMEM É MAIS HOMEM QUE O HOMEM?

WHY IS MAN MORE MAN THAN MAN?

Shay de los Santos Rodriguez¹

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de problematizar, desde uma perspectiva das ciências humanas, em especial da Arqueologia, de que o órgão genital, nesse caso o pênis, não é o fator que define o gênero de alguém. Através das análises comparativas desde as coisas contemporâneas, em específico entre as próteses penianas das lojas de Sex Shops e próteses penianas das lojas especializadas para homens trans, coloco em debate as representações fálicas de gênero, corpo, sexo, sexualidade e as masculinidades. Aponto ao fato de que tais representações são múltiplas e variadas. Portanto, se trata de um trabalho que tem como objetivo problematizar essencialismos e reducionismos.

PALAVRAS-CHAVE: Próteses Penianas, Homens trans, Masculinidades, Coisas Contemporâneas.

ABSTRACT

This work aims to problematize, from a perspective of the human sciences, especially Archeology, that the genital organ, in this case the penis, is not the factor that defines the gender of someone. Through comparative analyzes from contemporary things, specifically between penile prostheses in Sex Shops and penile prostheses in specialized stores for trans men, I discuss the phallic representations of gender, body, sex, sexuality and masculinities. I point to the fact that such representations are multiple and varied. Therefore, it is a work that aims to problematize essentialisms and reductionisms.

KEYWORDS: Penile prostheses, Men trans, Masculinities, Contemporary Things.

INTRODUÇÃO

Eu não sei ao certo o que é Arqueologia, mas sei que abrange tudo e todxs², e a arqueologia que quero e vou abordar aqui é presente e futuro, das coisas, da contemporaneidade, do cotidiano e é essencialmente política. Na década de 1980, a arqueologia sofreu mudanças no seu significado como ciência que estuda somente o passado recuado, para também estudar o passado recente e até o presente. Segundo Funari (2010), ao se dedicar a epistemologia da palavra arqueologia, o próprio nome da

¹ Nome civil: Sharon Lenís de los Santos Rodriguez. Conhecido pelo nome social: Shay de los Santos Rodriguez, graduado em Arqueologia Bacharelado – Universidade Federal do Rio Grande.

² Uso da letra x para incluir todos os gêneros possíveis, não limitando apenas ao binarismo de gênero: homem e mulher.

disciplina, que havia sido sempre entendido como “o conhecimento do antigo”, passou a ser considerado também como “o conhecimento do poder”. Tomando, neste sentido, o outro sentido da palavra grega *arqueio*, apontando-a como “poder”. Arqueologia, portanto, também pode estudar as relações de poder. Estudar Arqueologia remete a um contexto e a um ato político que depende de cada arqueólogo e suas posições. Contudo, não faz necessário estudar o distante cronológico e espacial, ou o culturalmente exótico para fazer Arqueologia. Segundo Velho (1981) não é preciso um desligamento ou afastamento do nosso universo sócio cultural, pois podemos fazer dele nosso objeto de estudo. É necessário, portanto, ter um estranhamento com o nosso familiar, como *acordar pela manhã na casa de um estrangeiro* (LISPECTOR, 1998 apud COSTA; FONSECA, 2007, p. 117), ou melhor, problematizar o familiar. Como afirma Wheeler (1954), que a arqueologia *não escava coisas, mas pessoas*. Este trabalho não vai estudar as coisas em si, mas abranger pessoas, através do estudo das materialidades ligadas às representações de masculinidades, para além da heteronormatividade³.

A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: ANDROCENTRISMO E HETERONORMATIVIDADE

Porque o homem cis⁴ é dito mais homem que o homem trans⁵? Nos foi ensinado que existe uma masculinidade superior das demais masculinidades. Uma masculinidade

³ HETERONORMATIVIDADE – conjunto de normas e processos legais e institucionais que conferem à heterossexualidade o status e o monopólio da normalidade, gerando e estimulando o estigma, o menosprezo, a exclusão e a violência contra todos os indivíduos que sexualmente se comportem de maneira divergente ou diferenciada desses princípios. A heteronormatividade constitui a base conceitual e ideológica de todos os processos de relacionamento humano na sociedade em que vivemos. Fonte: www.leticialanz.blogspot.com.br.

⁴ CISGÊNERO (do grego cis = em conformidade com; conforme + gênero) – a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis, com os códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros que, de muitas e variadas formas, se sentem desajustados em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer. Fonte: www.leticialanz.blogspot.com.br.

construída pelo patriarcado e permanece forte e influente na sociedade ocidental capitalista. Estou falando do ser homem cis, branco, heterossexual, algo representante da heteronormatividade. Tudo que foge a uma dessas características são componentes das masculinidades subordinadas à masculinidade hegemônica. A masculinidade por si só é dita como um conceito que se entende majoritariamente por atributos como: dominação, força, competição, controle, segurança, proteção, determinação, etc. A masculinidade hegemônica pertence a uma ideologia que privilegia alguns e desfavorece quem não cumpre as categorias de hegemonia.

Longe de essencialismos, a existência humana que pauta a hegemonia masculina está inserida no conceito de androcentrismo. Como a palavra mesmo (andro = homem e centrismo = no centro) indica o homem está no centro de tudo e os estudos com um viés androcentrista abordam o homem como um agente principal, dando ênfase a sua superioridade masculina e, portanto, política no mundo. É inegável, portanto, que essa visão androcêntrica carrega um determinismo biológico e esboça construções a partir de relações de poder. O androcentrismo é uma das principais características que compõe uma sociedade patriarcal e adquire uma postura, segundo Oliveira (2004), no qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são evidenciadas a partir de uma perspectiva unicamente masculinista, e consideradas como adequadas para a maioria das pessoas, tanto de homens como de mulheres. Portanto, as categorias e experiências masculinas são tidas como universais para todas as pessoas. E essas categorias hegemônicas são continuamente reforçadas através de termos, por exemplo, como “A origem do homem”, “Os homens pré-históricos”, “Os romanos”, etc. são entendidos, teoricamente, como englobantes tanto para mulheres como para homens (DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 18). E a Arqueologia, durante todo o século XX (e ainda hoje), sempre associou as práticas de guerra, caça, poder e prestígio como atributos e papéis exclusivamente masculinos. Ao passo que as mulheres eram vistas (e ainda são) com uma atitude submissa e passiva perante aos “homens”, desenvolvendo atividades de cuidado da prole, alimentação, etc. Tais atividades por serem consideradas como femininas são historicamente classificadas como secundárias, sem fundamental importância sócio-política (DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 19-20). Segundo Connell (2016) homens e meninos são, de maneiras significativas, os que controlam o acesso da igualdade de gêneros. Uma pergunta

⁵ TRANSGÊNERO (Trans, Trans*, TG ou T*; inglês transgender) – Em linguagem técnica, o transgênero pode ser descrito como alguém cuja identidade de gênero apresenta algum tipo de discordância ou conflito com os dispositivos de conduta do gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Fonte: www.leticialanz.blogspot.com.br.

estratégica é: eles estão dispostos a abrir as portas? (CONNELL, 2016, p. 91). Para Connell (2016) as masculinidades são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. E esses padrões são criados por intermédio de um processo histórico com dimensões globais (p.94). Connel (2016) questiona bastante as perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade. Pois nem todo homem é agressivo, machista, pratica estupro ou tem um pênis. Muitos homens não representariam o sistema e as práticas patriarcais machistas, mas o fazem, ao terem suas existências masculinas desenhadas desde múltiplos fatores de influência, como por exemplo: mídia, educação, controle social, religião, etc. Existe uma variedade de masculinidades, o significado de masculino pode variar de regiões, países ou continentes. Não concordo com as construções binárias de gênero, de homem ou mulher, e concordo com Sene (2017) sobre essa categoria não ser adequada para Arqueologia, pois como ela diz, não dá conta de todas as performances individuais dentro de uma intensa complexidade social (SENE, 2017, p. 164). Mas os sujeitos-homens só recentemente estão sendo estudados na perspectiva de gênero em arqueologia, com foco no processo de construção das masculinidades. Segundo Benjamin Albert (2006), os homens têm sido historicamente mais visíveis, mas seus gêneros não (ALBERT, 2006, p.401 apud SENE, 2017, p.165).

Portanto, não pensar e questionar a figura do ser homem é reconhecer essa figura como natural. E é o papel da arqueologia, ou pelo menos eu o faço aqui, de usá-la como fonte para desafiar aquilo que tomamos como dado (KOIDE; FERREIRA; MARINI, 2014, p.558). Ou melhor, a arqueologia é como uma prótese, uma extensão que provoca um desenvolvimento e assim me auxilia nos questionamentos e problematizações da masculinidade hegemônica tida como um fato a não ser questionado. Os homens gays, negros, trans, são, por exemplo, menos homens que do o homem cis, branco e heterossexual. Existem, várias masculinidades, diversas formas de ser masculino, mas a nossa sociedade insiste em nos colocar nas caixinhas binárias: você é masculino ou feminino; é homem ou é mulher; tem pênis ou vagina.

AS MASCULINIDADES CLANDESTINAS: A TRANSMASCULINIDADE

Para Peirano (2014) etnografia não é método; toda etnografia é também teoria. Em 2008, a autora enfatiza que a união da etnografia e da teoria não se manifesta apenas no exercício monográfico, esta união está presente no dia-a-dia acadêmico, em sala de aula, nas trocas entre professor e aluno, nos debates com colegas e pares, e, especialmente, na transformação em *atos etnográficos* de eventos dos quais participamos ou que observamos. Dessa perspectiva, etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação (PEIRANO, 2008, p. 3). Portanto, uma boa etnografia não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida.

Transformei minha cotidianidade de invisível para visível, e assim comecei a olhar e enxergar com outros olhos, com um olhar etnográfico. Faço uso da etnografia em um contexto contemporâneo, do agora, e problematizo o meu cotidiano, que para mim parecia tão óbvio e corriqueiro, que se tornou invisível. As técnicas de abordagens que utilizei, foram: questionários online, observação participante e entrevistas semiestruturadas e nas entrevistas individuais eu utilizei como ferramenta auxiliar a gravação, que segundo Godoy (1995) torna os dados obtidos mais precisos. Entrevistei 9 (nove) homens trans, 1 (um) transmulher não-binário e realizei algumas entrevistas coletivas. Antes de fazer as perguntas norteadoras, elaborei um exercício para apresentação/identificação dos entrevistados (homens trans). Pedi para que se apresentassem, mas que se apresentassem como se não me conhecessem, isso fazia com que o encontro fluísse naturalmente e dava ligação para as perguntas logo após. As perguntas norteadoras para os homens trans foram: 1) usa /usou alguma prótese peniana? Se sim por quê? Se não por quê?; 2) Prótese de sex shop é diferente do packer?; 3) um pênis vai te fazer mais homem?; 4) O que é ser masculino ou masculinidade?; 5) existe uma relação de poder no grupo T da sigla LGBTQ+?; 6) alguns homens trans são mais homens que outros? (Hierarquia de classe); 7) E sobre a categoria de raça, onde estão os homens trans negros?

Todas as respostas foram bem diferentes uma da outra, sobretudo na questão 4. Nesta, cada um respondeu de uma forma. E isso tornou a pesquisa cada vez mais surpreendente e incrível para mim. No começo da elaboração do projeto de pesquisa imaginava que as respostas seriam basicamente muito parecidas. Então eu quebro a minha cara de puro impacto e surpresa nas respostas obtidas: Por que eu imaginava que os homens trans também pensariam que masculinidade é construção social e que o pênis não representa o homem? Eu não me dei de conta que eu sou um homem trans que faz parte

de um grupo privilegiado que pode frequentar a academia (universidade). Portanto, tenho uma vivência e perspectiva de vida diferente de outros homens trans que fazem parte da triste realidade hegemônica trans neste país e no mundo. Apesar da maioria dos homens trans entrevistados estarem inseridos na vida universitária, as respostas foram bem divergentes uma da outra, remetendo à diferentes trajetórias de vidas que até então se desenrolaram.

O meu objetivo não é criar respostas, mas questionar as perguntas e problematizá-las, a saber: O que é ser homem para mim, pode não ser homem para outra pessoa? Mas afinal o que é ser homem? O que é ser masculino? O que é masculinidade? Quanto mais leio e estudo sobre questões de gênero, percebo que as perguntas são feitas de formas equivocadas, por que afinal não existe uma maneira certa de ser homem, mas existem variados modos de ser homem, não há apenas uma masculinidade, mas várias. E o grande problema está na desconstrução social, cultural e, portanto, política, de um modelo específico de masculinidade que se põe de forma hegemônica.

Para Judith Butler (2017, p. 10) a heteronormatividade é a matriz base para o estabelecimento do poder e da naturalização dos corpos, gêneros e desejos. Mesmo que os sexos se mostrem não problemáticamente binários em sua morfologia e constituição, não há um raciocínio para considerar que os gêneros também devam permanecer em número de dois. *A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito* (Judith BUTLER, 2017, p. 26).

São inúmeros os processos de inserção e de convívio respeitável que a sociedade hegemônica tem que construir para com a comunidade trans. Na sociedade em que hoje estamos inseridos, se você não tem um nome, coisas que te identifiquem como cidadão e pessoa generificada, você não existe. Pessoas trans estão por toda parte, distribuídas pelas esquinas, em construções de obras, em pontes, nas estradas, nas ruas, etc. Somos vixxs, mas não somos enxergadxs. Procuramos primeiramente ter uma sobrevivência do que uma vivência. E isso está certo? Não, não está. Pessoas trans almejam existir, não só resistir.

Acredito que igualar as pessoas é um dos atributos a ser seguidos pelo sistema heterossexista, que separa homens de um lado e mulheres de outro lado, e que cada lado tem uma norma a ser seguida. Mas homem é realmente tudo igual? Por que não podemos

aceitar as diferenças ao invés de buscar uma igualdade para todas as pessoas? Com base nas entrevistas e conversas que tive com: Silvio, Lucas, Eros, Jonathan, Pedro, Brunn, Phelipe, Dener e Jota. Desenvolvi duas pirâmides invertidas, são invertidas porque quanto mais privilégios, mais clara for a pele, mais correspondente a ordem binária de gênero, mais espaço adquire, portanto quem está na base, menos espaço e privilégios tem, por isso a pirâmide não faz sentido em ser uma pirâmide “normal”.

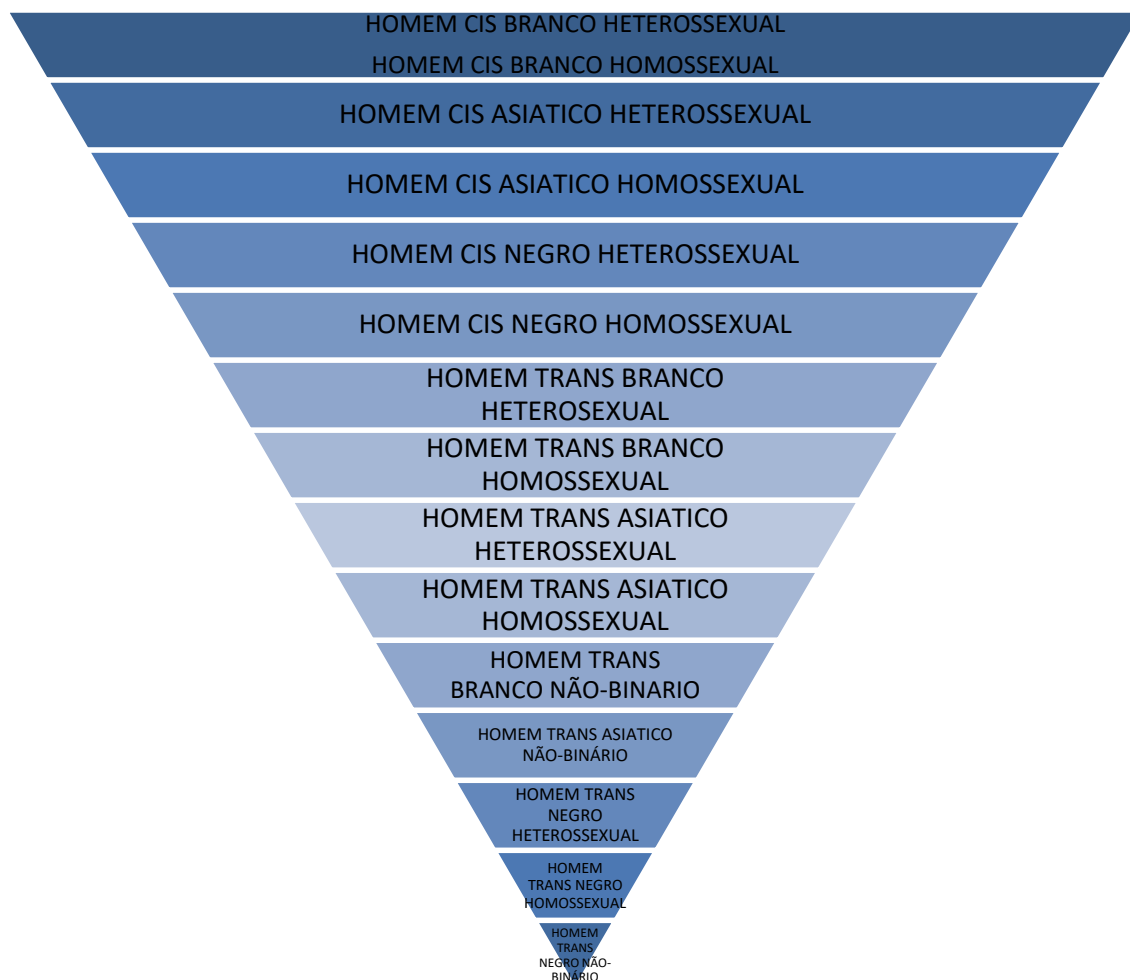


Figura 1. Pirâmide invertida do homem mais homem que o homem (corresponde a competitividade entre homens cis e homens trans conforme os atributos masculinistas em valorização na sociedade).

No topo está o homem cis branco e heterossexual e nas últimas 4 lacunas na base, está decrescentemente: homem trans asiático não binário; homem trans negro heterossexual; homem trans negro homossexual e o homem trans negro não-binário.



Figura 2. Pirâmide invertida da hormonização transmasculina (Corresponde a competitividade entre homens trans hormonizados e não hormonizados).

Assim, de acordo com Connell e Pearse (2015) o gênero é uma extensão central da vida pessoal, na qual eu me refiro a gênero como uma prótese, dos liames sociais e da cultura. *O gênero é também um assunto sobre o qual há um bom tanto de preconceitos, mitos e franca falsidade* (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 25). Os corpos são construídos socialmente e possuem agência segundo Connell e Pearse (2015), sendo assim, há múltiplas diferenças entre os 7 bilhões de corpos existentes no mundo. Todos os corpos têm a sua caminhada e roteiro.

AS PRÓTESES PENIANAS DAS LOJAS DE SEX SHOP E AS PRÓTESES PENIANAS PARA OS HOMENS TRANS (PACKER)

Todo dia ao sair de casa eu uso coisas não-humanas para interagir com as pessoas em minha volta, essas coisas facilitam com que a pessoas me vejam como um ser masculinizado, sem elas, sou apenas um corpo dito feminino, uma mulher cis, garota, ela. Preciso cortar o cabelo bem curto, usar roupas largas, usar uma prótese peniana (para homens trans), esconder os seios com o uso de um binder⁶, não me depilar, e agir como “homem”. Sem esses atributos não posso sair da minha zona de conforto, se que quero ser visto como um homem. Portanto o objeto de pesquisa são as próteses penianas pensadas e produzidas para homens trans. O objetivo geral da minha pesquisa trabalho é conscientizar as pessoas de que o órgão genital, nesse caso o pênis, não é o fator que define o gênero de alguém. Porém, o packer não é um produto conhecido, apenas as pessoas que tem conhecimento da existência são homens transmasculinos, mas mesmo assim, são poucos os homens trans que conhecem de fato. Então, para abordar esses “objetos”, terei que mostrar um que seja conhecido por todxs e que se assemelham pelo formato fálico, estou falando das próteses penianas de sex shop. Com esse objetivo em mente, será preciso analisar as próteses penianas de sexys shops e as próteses penianas para homens trans, e as coisas para além da heteronormatividade.

Para isso, encontrei 6 lojas de sex shop em intensa atividade e conhecidas por todo o Brasil. As lojas para homens trans são três, mas atualmente só duas estão em atividade por todo o país, e uma delas vendem os packers esporadicamente, mas são as únicas lojas brasileiras que vendem pela internet, por site (pois lojas físicas ainda não existem), que até então tive notícia, só para não dizer que são as únicas no país. O método de procedimento para abordar as próteses penianas, será o método comparativo. Segundo Fachin (2006) o método comparativo se consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. A primeira técnica de coleta de dados empregada é a observação, que segundo Fachin (2006), é considerada o primeiro passo de um estudo de qualquer natureza e sempre se deve ter em mente o que se quer observar. Neste caso a observação é sobre as próteses penianas para homens trans e com isso também leva os olhares para quem as usam, conforme as coletas de informações e entrevistas

⁶ Colete, elástico ou faixa, com a finalidade de minimizar o volume dos seios.

participantes, quem as usam, são majoritariamente homens trans, mas pode ser usada por qualquer pessoa com vagina.

Para seguir em diante com a minha pesquisa e responder as questões que foram propostas, realizei questionários online e mandei para as pessoas através do uso de redes sociais: Facebook e Messenger. Além de facilitar a minha pesquisa, compartilhando os questionários em tempo real, o Facebook me auxiliou com a divulgação do meu trabalho, em grupos online, páginas e chats privados. Também foi necessário o uso da rede social, para realização de eventos para as entrevistas coletivas, e para compartilhamentos de fotos dos objetos de análises e também das pessoas entrevistadas. Com isso em mente, realizei coleta de dados empíricos em forma de questionário fechado, feitos para serem respondidos por pessoas a respeito das próteses penianas, pensadas e produzidas para homens trans, e das próteses penianas vendidas em Sex Shop. Confira abaixo os resultados da coleta:

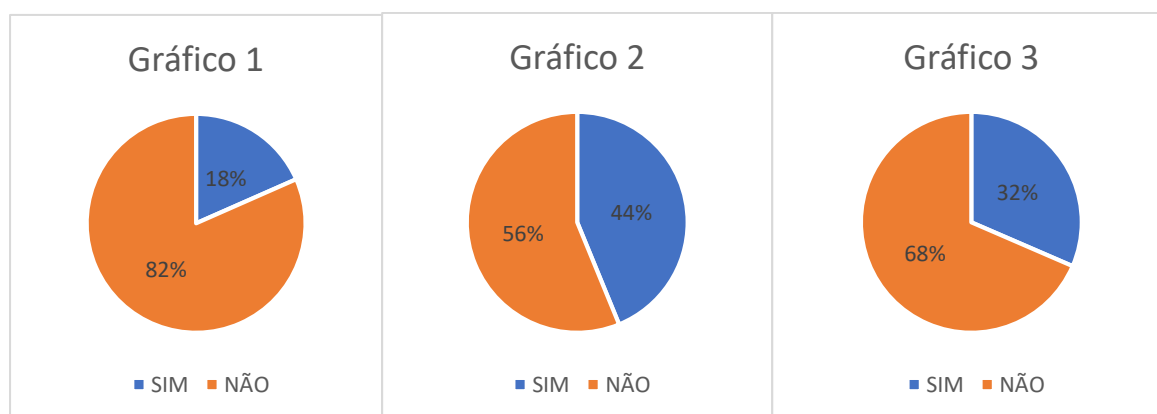


Gráfico 1. Respostas dos Formulários Google. Título da pergunta: Você possui ou já usou algum tipo de prótese peniana de Sex Shop? Número de respostas: 205 respostas. Gráfico 2 de respostas do Formulários Google. Título da pergunta: Tem conhecimento das próteses penianas para homens-trans? Número de respostas: 205 respostas. Gráfico 3 de respostas do Formulários Google. Título da pergunta: Se sim, sabe a diferença entre as próteses de Sex Shops e as para homens-trans? Número de respostas: 201 respostas.

Através das respostas que obtive neste questionário, pude perceber que as pessoas não têm conhecimento das existências das próteses penianas pensadas e produzidas para homens trans ou então acreditam que sejam as mesmas encontradas em lojas de Sex Shops. Dessas 200 pessoas que responderam o questionário, aproximadamente 30

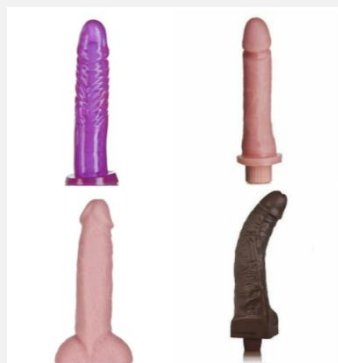
peessoas me procuraram com dúvidas e curiosidades acerca das próteses penianas para homens trans. Com essas pessoas propus pôr em prática as entrevistas, para tais esclarecimentos/escurecimentos. Mas antes de mostrar como se deu as entrevistas, que tal analisarmos os dois tipos de próteses penianas?

Amor de Luxo – Brasília DF



Link: <https://www.amordeluxo.com.br/penis-de-borracha-vibradores-e-proteses-penis-com-vibrador-pinto/>

Desejo Oculto – SC



Link: <https://www.desejooculto.com.br/c/p-nis>

Erosmania – SC



Link: <https://www.erosmania.com.br/sexshop/>

Hot Pepper Boutique Sensual – Porto Alegre – RS



Link: <https://www.sexshophotpepper.com.br/penis>

Loja do Prazer – SP



Link: <https://www.lojadoprazer.com.br/sexshop>

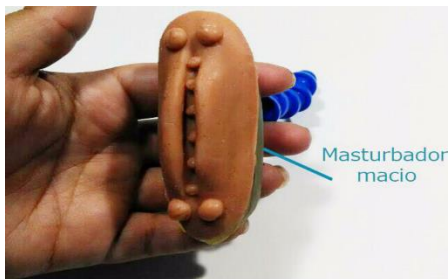
The L Vibe – RJ



Link: <https://www.thelvibe.com.br/>

Tabela 1. Próteses Penianas de Sex Shop

Packer up – Curitiba – PR



Link das fotos: https://www.facebook.com/StorePackerUp/?ref=br_rs

Transtore Packers – Campinas – SP

Link das fotos: <https://www.transtore.com.br/>

Tabela 2. Próteses Penianas para Homens Trans – Packer

ANÁLISES, RESULTADOS DE COMPARAÇÃO E PERCEPÇÃO

Através das minhas análises em todas as 6 lojas virtuais que escolhi para este trabalho e das análises das três lojas virtuais para homens trans, que vendem próteses penianas, posso dizer que existem diferenças sim. As próteses penianas que são vendidas em sexy shop servem apenas de uso sexual de quem as compram e usam, são confeccionadas nas indústrias, suas texturas muitas vezes são mais rígidas, possuem diversos formatos e cores variadas e divertidas, que a maioria das próteses penianas nem se parecem com um pênis. Através da materialidade encontrada nos Sexy Shops, posso dizer que sexo não tem limites para a imaginação.

O que é um packer? Se trata de uma palavra de origem inglesa e indiscreta para se referir as próteses penianas produzidas e pensadas para os homens trans, porém, a grande maioria não tem conhecimento do packer e quando mencionados, são confundidos com as próteses penianas de Sex Shop. A confusão se dá pelo fato de serem representações do pênis do homem cis, logo todas as próteses penianas são tidas como meros brinquedos que tem por intuito causar prazer sexual. No entanto, não se pode afirmar o mesmo dos packers, pois não apenas estabelecem uma função, mas sim várias outras e com outros significados para quem as usam. Os packers tem função sexual sim, mas não se resume somente nessa função. O uso do packer para os homens trans, alcança objetivos importantíssimos quando o assunto é passabilidade, em outras palavras, “se passar como homem” perante as outras pessoas. Com a prótese peniana para homens trans, é possível:

usar como volume no meio das pernas, possibilitando um uso cotidiano; usar para urinar, possibilitado o também o uso do mictório; para o uso sexual penetrável, causando prazer para a outra pessoa; possível auto prazer, a masturbação; e por fim deixo em aberto que existem outros usos, que depende de pessoa para pessoa.

Além dos usos que foram citados para cada tipo de prótese peniana, os aspectos e características dos modelos, também as difere e muito. Os packers foram adaptados para pessoas que tem vagina, podendo ser usado por mulheres cis também. As próteses penianas para homens trans, não possuem tantas variedades quanto às próteses penianas de sex shop. Com o packer não vem junto vibradores, uma segunda prótese embutida, não brilha no escuro, isso porque essas próteses são mais realistas e fiéis ao pênis. A diversidade de cores não se encontra nos packers, mas tons de pele, e são confeccionadas manualmente. Outra diferença que pude perceber, corresponde as pessoas que vendem essas próteses penianas, para isso recorri as entrevistas. Com base nas entrevistas realizadas para xs donxs das lojas de Sex Shop, são homens e mulheres cis e seus produtos lucram majoritariamente com o público binário de gênero e de sexo, na sua maioria mulheres. Já os representantes das lojas para homens trans, todos eram/são homens trans que vendem para outros homens trans, mas aconteceu que outras pessoas com vagina e corpos ditos femininos, contribuem bastante com a compra dos produtos. Mas saliento que o uso do packer para os homens trans pode haver significados diferentes em comparação com outras pessoas que tem vagina. Sem dúvida o homem é condicionado a ter orgulho do seu pênis, especialmente quando o pênis tem um tamanho consideravelmente grande. Mas o que é ter pau grande? O modelo de pênis grande das lojas de Sex Shop vai do tamanho de 12 até 40 cm para mais. O modelo dos tamanhos dos packers das lojas para homens trans vai de 10 cm até 16 cm. E o tamanho é outra distinção considerável entre essas próteses.

Com isso observasse um determinismo biológico e essencialista do corpo dito masculino, pelo qual o homem tem que ter um pênis e esse pênis tem que ser grande. Mas esse fato fere muitas pessoas, pessoas que nascem com vagina e se identificam como homens, e para se adequarem ao sistema popular e passarem a serem vistos como “homens de verdade”, são condicionados a adquirirem um pênis. E os homens que não querem ter um pênis? Ou então nasceram com um pênis dito pequeno? Não são homens de verdade? Mais uma vez enfatizo que a problemática aqui se trata de destruir a masculinidade hegemônica e construir novas categorias de masculinidades com “s”, pois

não existe uma só masculinidade, mas sim várias. E o órgão genital não será um fator decisivo. Se paramos para pensar, estamos vivendo em um mundo repleto de próteses, sejam elas sexuais, fálicas, robóticas, mecânicas, cirúrgicas e etc. As próteses também podem ser imateriais ou abstratas, como o sexo e o gênero, que se fazem tomar por naturais, mas em que pese sua resistência anatômico-política, estão sujeitos a processos de transformação e de mudança constantes (PRECIADO, 2014, p. 165-6). O packer de um homem trans ou transmasculino é como uma reinvenção da natureza e do determinismo essencialista da anatomia dos corpos heteronormativos, e também rompe com a ideia cartesiana de natureza/tecnologia, o packer pode ser tanto o corpo como a coisa, assim como a coisa pode ser corpo.

CORPO TRANS: UM CORPO ABJETO

Não é preciso ter um “corpo de homem” para se tornar um homem, mas sim, performatizar o discurso social do homem. O pênis não define o homem, pois segundo Lanz: desde quando a parte define o todo? Homens trans não nasceram em corpos errados, é a categorização social da caixinha binária de gênero, que está errada. *Não se pode dizer que existem corpos errados porque simplesmente não existem corpos certos* (LANZ, 2017 p. 161). O corpo transgênero é um corpo abjeto. E não importa o quanto modificamos o nosso corpo, ele sempre vai estar errado para o corpo social hegemônico.

As relações de gênero são corporificadas, homens trans não nascem em corpo errados, a sociedade é que está errada. O corpo social hegemônico é que precisa ser ajustado e modificado, pois *os corpos já nascem certos sendo do jeito que eles são, sejam eles do jeito que forem* (LANZ, 2017, p. 382). A performance de gênero não determina somente o que fazemos, mas como o discurso e o poder das instituições nos atinge, nos limitando e nos mobilizando em relação ao que transpomos a denominar de a nossa *própria* ação. (BUTLER, 2018, p. 71). E relembra Butler (2018) que o termo queer não designa identidade, mas aliança, e é uma boa palavra para ser invocada quando construímos alianças difíceis e inevitáveis *na luta por justiça social, política e econômica* (BUTLER, 2018, p. 79). Com tudo isso, realizei um curta-metragem intitulado de Coisa e um mini-metragem intitulado de Detector de Transfobia. Faço uso do conteúdo audiovisual para transmitir melhor a ideia de corporeidades abjetas, pois penso que só a escrita não basta, as vezes é preciso ver para entender. Mas além de ser outra forma de acessibilidade, a

realização do curta e do mini é uma aliança que fiz com os homens trans que são os modelos e corpos participantes. Ver:

Curta-metragem COISA:

https://www.youtube.com/watch?v=s2_4rG-4oll.

Mini-metragem DETECTOR DE TRANSFOBIA:

<https://www.youtube.com/watch?v=0MxofAmTMKU>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA ARQUEOLOGIA DAS PRÓTESES

Assim, desconstruir a masculinidade hegemônica e dar visibilidade a todas as masculinidades existentes, é um dos desejos que tenho e que me fez escrever esse texto. As autonomias sociais impostas tanto ao homem cisgênero quanto ao homem transgênero é atrelada ao pênis, ao machismo e diversos outros estereótipos que foram elencados ao corpo deste texto. E homens que não seguem o sistema hegemônico, são lidos como "menos homens" e a imagem de "menos homem" aproxima-se sempre da feminilidade, algo que, também estereótipicamente, remete a algo negativo que os "homens de verdade" deveriam evitar. As identidades se constroem socialmente. Corpos de homens trans são corpos que transgridem as normas binárias de gênero e destroem com a ordem do sistema heterocentrado. E as próteses penianas para homens trans fizeram link com todas essas questões. Essas próteses penianas, os packers que são um objeto, uma coisa não humana, para as pessoas cis é corpo, para nós, homens trans, corpo como materialidade, corpo como coisa, corpo como prótese. Nós construímos coisas e as coisas nos constroem. Transformamos as coisas em próteses para suprir as nossas necessidades, para melhorar o que não nos agrada, para substituir algo ou desenvolver de outra forma. Agora eu pergunto, seria a prótese peniana um pênis ou o pênis a prótese peniana? Este é um trabalho sobre pessoas trans feito por uma pessoa trans.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; revista técnica Carla Rodrigues. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266 p.; 23 cm.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Civilização brasileira, 2017. 287p. (Coleção Sujeito&História).

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Editora Nversos, 2016.

CONNELL, Raewyn e PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global. Compreendendo o gênero, da esfera pessoal à política, no mundo contemporâneo**. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. 1ª edição. São Paulo. Editora nVersos. 2015. 395p.

COSTA, Luis Artur e FONSECA, Tânia Mara Galli. **Do Contemporâneo: o tempo na história do presente**. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/107>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de Metodologia**. Edição 5. São Paulo: Saraiva, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo. Editora: Contexto, 2010, 125p.

KOIDE, K., FERREIRA, M.T. and MARINI, M. **Arqueologia e a crítica feminista da ciência Entrevista com Alison Wylie**. Sci. stud. [online], vol. 12, nº 3, pp. 549-590. 2014. Disponível em: <http://humanas.blog.scielo.org/blog/2014/12/19/entre-a-arqueologia-a-filosofia-da-ciencia-e-o-feminismo> Ou disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662014000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2ª edição. Curitiba: Movimento Transgente, 2017. 456p.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. **Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero, homoerotismo e exclusão da ciência jurídica**. Revista seqüência, N.º 48, P. 41-72, Jul. De 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/download/15232/13852>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia Não é Método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida** », *Ponto Urbe* [online], 2 | 2008. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: nº 1, edições, 2014.

ROMERO, Margarita Sanches. **Arqueología y género**. Granada: Editorial Universidad de Granada. Pp. 13-51. 2005. Disponível em: <<http://arkeobotanika.pbworks.com/f/D%C3%ADaz-Andreu+05+Género.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

SENE, Glaucia Malerba. **Pela Materialidadedos gêneros: repensando dicotomias, sexualidades e identidades**. In: *Revista de Arqueologia*. V 30, n, 2, p. 162-175. 2017. Disponível em: <<http://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB>>. Acesso em: 14 jul. 2018.



VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Um antropólogo na cidade. Ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2013. Pp. 69-79.